

ASSIGNATURAS

|                |       |
|----------------|-------|
| Trimestre..... | 25000 |
| Semestre.....  | 48000 |
| Anno.....      | 85000 |

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

De seu nome não deve resultar indolência, e de sua denominação não deve resultar doutrina, e de sua origem não deve resultar exclusividade de opiniões.

(S. Paulo, of. Epitapho, Epitapho Cap. V. N. 19)

Maranhão, 10 de Novembro de 1880

Propriedade de uma associação

O PENSADOR.

MARANHÃO, 10 DE NOVEMBRO DE 1880.

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS.

Nesse penhoão auri-verde que flueira desde o Amazonas ao Prata havia um noção imensa. Uma noção escura, ferrete e ignominia. A essa bandeira, symbolo de uma nacionalidade jovem e potente, ha-se uma desova de trevas—a escravidão.

E a terra inteira contemplava esta desova sinistra. E o genero humano pallido, tremulo, convulso, hendia-se a nação que arvorava essa bandeira de luto.—A terra o teu estandarte, faz desaparecer a tua vergonha!

O Brazil ouvia este brado. Ouvia esta voz de liberdade que as faces lhe fazia assomar o rubor. O Brazil, este gigante da America meridional, o Brazil linda vergonha! Vergonha de seu povo em que havia escravos, vergonha das suas leis que permitiam a escravidão!

E um homem ergueu-se e disse: Não o Sol do porvir não verá mais a esta terra reinar a escravidão. O hoje em diante todos os filhos d'este paiz hão-de nascer livres, livres como a natureza os fez: não escravos como os fez o despotismo. Este solo ha-de perfurar-se a todos que n'elle virem cair a luz. O Brazil é grande demais para que entre seus filhos existam escravos!

Este homem foi José Maria da Silva Paranhos.

Inabalada d'essa immensa sede de dominio, que Roma parece commoçar a todos aquelles que a causa lhe abraça, dois bispos obtidendo sua evangelica missão, a discrecia haviam introduzido no seio da sociedade. Querendo apossar-se das consciencias, ambaicionando stipular o poder civil, tinham posto em campo a vetusta arma do interdito.

Era uma calamidade que deixava subito sobre uma nação. Era a guerra religiosa que se autollava. Guerra sinistra e tremenda em que um povo se bater-se contra esse abutre negro do passado—o Catholicismo Romano. Guerra em que o povo se defendia a consciencia, a consciencia que bispos lhe queriam aniquilar.

E um legislador ergueu-se e disse: O povo é o soberano. A nação é quem faz a lei. A lei, de todos merece o respeito. A lei é a humanidade que quer ser feliz. A lei é a barreira que o direito de todos oppõe ás ambições desregradas de cada um. Fazemos respeitar a lei. Por se ser bispo a facilidade não se tem de perturbar a ordem publica. A lei pune os agitados. E necessario punir esses dois homens que desrespeitando o poder civil, pretendem impor a nação a escravidão moral das consciencias.

E os bispos foram presos. Sofreram a pena que soffrem os perturbadores. Assim era preciso para a ordem publica. Assim era necessario para que a lei fosse respeitada.

O homem que teve a coragem de fazer cumprir a lei foi José Maria da Silva Paranhos.

Pintar a vida de um homem desde seu nascimento até á sua morte é um trabalho de biographo. Appreciar as grandes

ações de um grande homem e a tarefa do pensador.

Hoje Paranhos sumisse ao passado desaparecendo no tempo em que sua existência desappareceu. Apoz a grande luta em prol da liberdade, o grande titador dorme esse sono tranquilo para o qual não ha despertar. Desappareceu do plano da existencia para sugar nos espaços luminosos da historia.

A historia e o quadro severo da humanidade. Não tem as complexidades da biographia. Ella ha-de fazer justiça a Paranhos. Não se ha-de occupar do homem. Um homem é zero perante a influencia da humanidade. Ha-de porem trazer do libertador—do legislador, que arrancou uma geração das garras da escravidão, do ministro que salvou um povo das iras das tendalvas—diversidades. E um libertador é um ser que trabalha pela humanidade. Entre a humanidade ha-de avultar.

Paranhos já não existe no mundo da materia. Existe porem na vida intellectual da humanidade. A lei da emancipação dos escravos, a repressão da anarchia introduzida por bispos, são dois factos de decisiva influencia sobre a nacionalidade brasileira. Influencia benéfica que lhe ha-de perpetuar a existencia. Paranhos não morreu. Existe n'essas creanças que hoje são livres. Vive nas consciencias que arrancou do jugo sacerdotal.

Em vida fizeram-no visconde. Deram-lhe um titulo. Esse titulo avulta pouco, ou antes nada, junto de seu nome singular. A humanidade ha-de conceder-lhe outro que lhe faça desaparecer esse brazão ephemero. Ha-de ser para as futuras gerações o paladino da liberdade no Brazil. Ha-de ser o pai d'aquelles que lhe devem a livre posse do corpo e da alma, e esse titulo dado pela historia, dado pela humanidade, será o unico brazão que o fará reviver no porvir.

O porvir ha-de contemplar José Maria da Silva Paranhos sempre envolto n'uma aureola da liberdade.

Não derrameis lagrimas ante seu túmulo. É bello morrer depois de haver sido útil ao genero humano.

Bendizei a memoria do emancipador dos escravos.

Ódai como elle a escravidão.

O Pensador e o Brazil—Catholico.

Havíamos lançado uma lva ás faces lividas de—Gethsio.

A lva caíra no chão depois de haver tocado no alva. Nenhum dos redactores d'esse periodico teve a coragem de ergue-la. Sentiram-se fracos ante a nossa voz, a voz da opinião publica. Elles, que tinham por missão defender interesses catholicos, fugiram vergonhosamente do campo de batalha. Preferiram a retirada ao combate, a corderia á luta.

Parce porem que a lva do chão foi erguida. O Brazil Catholico, um jornal do trevas, hauriram-se de apañal-a. Assim o revela no n. 116 em que se occupa do Pensador. Foi uma felicidade para nós, foi uma vergonha de menos para o clero brasileiro.

Temos portanto a lva. A lva tal como a desgramos. A lva em que os partidarios d'esse absurdo—Egreja Romana—vem perante a sociedade moderna defen-

der o seu parasitismo. A lva em que o moribundo—Catholicismo—trabalha nos paroxismos da agonia por se apoderar da humanidade que lhe occupa. A lva dada pela lva á luz, pela ignorancia, á sciencia pelo dogma á verdade.

Cabe-nos hoje responder ao Brazil-Catholico. Fazemo-lo com posto, com publico ato. A defesa das instituições catholicas que esse jornal por convenientia sustenta, O Pensador vai oppor a simples logica da verdade. E contra a verdade que se desmascaram as impossíveis sacerdotias. Vamos desmascaras-as.

Tratando do Pensador, diz o Brazil-Catholico, que foi creado para fazer opposição ao exm. sr. d. Antonio de Alencar. Júpiter do Maranhão. E esta a sua asserção. Sentimos porem dizer-lhe que enganou-se. Não nos conhecer, nem tão pouco ao sr. d. Antonio.

Para que um jornal como o Pensador fosse creado para adversario exclusivo de um bispo, necessario era que esse bispo tivesse um grande valor. Esse valor não reconhecemos no sr. d. Antonio. S. exc. revm. é demasiado pequeno para que mereca a nossa exclusiva opposição. Não tem nem a illustração nem os talentos precisos para ser um adversario digno de nós. Crear um jornal para lutar exclusivamente de s. exc. revm. seria dar-lhe uma importancia que, infelizmente, não merece. Quem se lembra de fundir canhões para com elles declarar guerra a mosquitos?

A razão da existencia do Pensador não é uma razão tão fútil. Léa o Brazil-Catholico o artigo editorial do nosso primeiro numero, e verá que não preparamos baterias para combater papugos. O Pensador foi creado para evitar que a sociedade finge acerta ante a cruzada que a Egreja Romana contra ella prepara. O Pensador tem por missão obstar ao progressos d'essa lepra moral—fanatismo. O Pensador só quer uma coisa—fazer abandonar ao povo a escravidão moral que os sacerdotes de Roma lhe querem impor.

lá vê o Brazil-Catholico que a nossa programma não é combater ao bispo. Collocamos o effe por incidente como fallamos de varias legatellas. Nosso fim é maior. Queremos a liberdade moral para as consciencias. Trabalharemos por conseguila. Por uma causa tão santa se sacrificamos até a ultima gota do nosso sangue. Esse contágio de absurdos, que se chama Catholicismo Romano, eis o monstro que pretendemos combater. O Brazil Catholico que o defende. Sempre nos achamos propalado a vergastado.

O Pensador não é nem um mal nem um bem. É uma necessidade. Hoje que a Egreja por toda a parte procura fazer viver as suas astucias, a sua sede de dominio, é dever das gerações modernas tollere-lhe fatalmente o passo. Não foi em vão que nossos avós morreram em fogueiras, não foi em vão que o padre e o rei mandaram de sangue as paginas da historia, não foi em vão que a moral de Christo foi pizada nos pés pelos seus ministros transformados em pharizeos, não foi em vão que o passado nos ensinou a odiar a todas as tyrantias. Hoje que o genero humano tem luz, hoje que a humanidade que ser feliz, hoje que o homem substituiu o dogma pela sua consciencia, hoje cumpre a nós, filhos d'este seculo de sciencia, exterminar essa entidade nua que se infúta sacer-

dotica. Tal é o fim do Pensador, que apresentamos em campo procura libertar os habitantes d'essa provincia do nosso infame dos jugos—o jugo sacerdotal.

A empreza é enorme para nós. Não importa. Trabalhamos para o porvir. O porvir nos comprehenderá. Ha-de fazer-nos comprehender. Ha-de nos applaudir. A busca pedra que collocamos no edificio da liberdade ha-de concorrer para o bem futuro. Os padres e sumos podem tirar das nossas predicações. De Christo tambem tiram os pharizeos. Nós não somos Christo, mas temos a mesma causa—a liberdade.

As nossas armas de combate não são poeira nem a mentira, nem a injuria, nem a calunnia. O Brazil-Catholico que sempre magistralmente estas tres disciplinas, ha-de reconhecer que menta, que injuria, que calunnia. Trabalho nas suas coburnas por demonstrar-nos a sua asserção, porque: a menos aqui de longe, lhe declaramos que será um colar de se não o fizer. Não o tememos. Não somos creanças que recebem um espantão. Podem ser illustrados como quiserem seus redactores. A nossa pobreza nada recia d'essa illustração. Nossa causa é grande, é nobre, é santa. Ha-de dar-nos forças para vencer.

Para que o Brazil-Catholico venha procurar que mentimos, que injuramos, que calunniamos, é preciso primeiro que rasgue a historia negra da Egreja de que é defensor. É preciso que nos demonstre que o clero não é uma classe corrupta e immoral, que se sustenta em detrimento das classes productivas da sociedade. É preciso que justifique todos es escandalos que os sacerdotes diazmente commettam. É preciso que nos prove ser falso esse commercio infame das causas divinas em que o padre sustenta a sua individualidade. É preciso finalmente que erga a humanidade para que ella revolta na sua voz, mentirosa, agiada e calumniosa. Façao o Brazil-Catholico, seja se pode arrancar a consciencia a sociedade moderna, e transformada em roca de canhões em de chimpanzés.

Dizer que nós somos a antithese da—Escravidão—é uma frase que devemos ao Brazil-Catholico. Nos em nada nos offendeis parecer com esse periodico curial mercurioso. Perderiamos de certo a sua similitude. Nos não trabalhamos para o embrutecimento e a finalização do populacho. Temos causa mais digna. Combatemos com a Gethsio e fazemos um alliança. Agradecemos ao Brazil-Catholico a chamar-nos antithese d'esse jornal. Por-nos justiça com esse epillio.

Uma presumpção excessiva das proprias forças é que pode sanar a honra da asserção que faz o Brazil-Catholico, de que o Pensador é um bem para o Catholicismo. Pode lutar quanto quiser e as pedras do futuro e de Sabão, que jamais poderá conseguir negar a verdade. A verdade é que a Egreja Romana commetta para a sua cura á modifa que os povos avancam para a perfeição. O Pensador não obstante ser obscuro commetta para a perfeição. É o progresso, a sciencia, que elle quer. Não é com a sciencia que a Egreja se pode sustentar. A Verdade jamais serviu de pedestal ao erro. O Pensador não é um bem para o clero—é apenas um agonia.

A consciência católica não se engrandece por meio de um azorrague.

Pode a *Brazil-Catholica* lastimarmo-nos por sermos redactores do *Penasador*. Nós lhe agradeceremos a refinada hypocrisia. Lastimae, e vá chorando sobre nós. Conselho S. Agostinho sempre que julgar conveniente. Quanto a nós proseguiremos na nossa empreza, emaugando por meio da verdade as pretensões multicoisas, corruptoras e sinistras dessa Egreja que tem a cabeça no Vaticano, e esse prostrolo em que se tem, ha seculos, prostituído o que ha de mais santo—a consciéncia humana.

Na janha breoz de que se acham possuidos todos os defensores da Egreja para com a France-Maronaria, o *Brazil-Catholica* joga, que d'ella somos instrumento. Mente qumado assim se exprime. Nós do *Penasador* nada temos que ver com a Macaronaria. Amigos d'essa instituição de liberdade, não estamos contido dispostos a servir-lhe de palafindio. Nós defendemos os interesses da sociedade moderna. Esses interesses não são exclusivamente os da Macaronaria.

Se o artigo que no *Brazil-Catholica* nos dá respeito é um "introito", muito folgaremos em lhe ver a continuação. Estamos promptos para o combate. Venha o jornal clerical, que o esperamos de pé firme, fortes, robustos, vigorosos, sem mascara no rosto, como reconhece. Venha, que o esperamos com o seu arsenal d'hipocrisias, de mentiras e de calumnias. Venha, que a pena se nos agita de impaciéncia por nos separarem tantas centenas de leguas, por não podermos ter a luta rapida como a desejamos. Venha, que na hora das grandes crises da humanidade, a natureza suscita a provocação da parte das instituições catolicas para fazel-as desaparecer no pó. Venha, que nós queiremos a luta no Brazil, porque a luta ha-de jorrar a revolução.

Eis o poteo que temos a dizer ao *Brazil-Catholica*. Folgaremos breve era ter de nos occupar com o que a nósso respeito disser. Um só pezar teremos. E o de ver que n'este grande Imperio da America, n'esta patria da liberdade, a este solo em que tudo parece incluzir no homem para que seja bom, ainda ha individuos assaz repus, assaz ambiciosos em assaz mal intencionados, para pretendo, em tombar a nação a liberdade moral, viciando-lhe a razão e correspondendo-lhe os costumes. E entre esses homuns julgamos ter os redactores do *Brazil-Catholica*. Lastimando-os do limo d'alma pedinas á sciéncia que lhes illumine os cerebros, e lhes faça pulsar nobremente o coração. Fazemos votos para que valtem para o sóo da humanidade, para que sejam homuns, para que trabalhem pela causa do povo de que são filhos, para que sejam utéis.

Emquanto não o fureto podem contar com a nossa compaixão.

Temos de d'elles.

**Vos e o Malho.**

Defender as proprias ideias calma, pofida e reflectivamente, é um trabalho cheio de encantos para todo o homem que preza as suas convicções e que sabe respeitar as alheias, sempre que se apresentam delicadas e despretentiosas.

E por uma razão d'esta natureza que vimos hoje n'este nosso humilde periodico responder á carta que nos foi dirigida no *Malho* pelo ill. sr. João Alfonso. Essa carta foi uma replica á maneira porque no n. 3 do *Penasador* lhe defendemos o programma, que no 1.º n. do *Malho* havia, no nosso entender, sido mal comprehendido por s. s.

Em nós não ha a pretensão de importarmos nossa opinião á quem quer que seja, e muito menos no mim digno sr. João Alfonso. Sabemos que s. s. pensa, e da seu pensamento esclarecido esperamos que mais uma vez refirme o juizo que ha feito do *Penasador*. Não é a impossição de uma opinião que apresentamos. É o simples apello que um pensador dirige a outro que lhe diverge das con-

vicções. Apoz este apello s. s. verá se temos ou não isso que entre a humanidade responde ao nome de razão.

S. s. appareça-se no 2.º n. do *Malho* recitando o sentido particular que havia dado as palavras—*calma, pofida, e reflectiva*. Fato com assazão e conculdo do emprego que havia feito d'esses tres termos, que—*em parva pofida pofidissimae excolutio nos costumae, ac instancie, nas exvivas da sociedade, seu desear de ser calma, calma e reflectivo*.

Permitta agora s. s. lhe observemos que a sua conclusão não está incluída nas premissas que estabeleceu. Das tres significações que den ás tres palavras em questão, se não pode haver semelhante liberto. De-nos licença que passamos a privar-o.

Se ser *calma* é apresentar ideias com a doce irracionalidade do paz fino, sovero e imparcial, ser *calma* é ser despoja de toda e qualquer paixão. É ser pofido, inerte com um codigo que suas poficas pateteia ao leitor. É deixar de ser homem para assumir um papel de automato rigido e desastroso, cujo movimento rigorosamente aritmeticoz não revela tudo revelar, menos o essencial—a vida.

Será com um jornal transformando assim em automato que se poderá fazer uma revolução nos costumes. A. & C. ? Creemos que não. A revolução é a vida no agitado. Para revolucionar é preciso agitar. E esta uma verdade obvia. Agitar éo a calmar. Produgi o movimento por meio da inercia. Fizei um navio surgir sem velas, sem rémos e sem macha.

Se ser *reflectivo* é examinar os proprios pensamentos, ser *reflectivo* é occupar-se exclusivamente da propria individualidade. N'este caso a reflectão, suplantando o desejo d'expressão do pensamento, ha-de eternamente formal-o em um crysol, procurando dar-lhe um aspecto mudo, brilhante, como alchimista que pretendesse aclar a transmissão dos metais. Absorvido n'esse manuseo exame philosophico o pensador apenas revolve o momento para momento a sua peculiar maneira de pensar. A immensa revolução que esse exame n'elle dispersa—sequestra-o absolutamente da sociedade. Desapparece o homem que se quer fazer entender dos outros para dar lugar a um que só pretende estudar hem a seu proprio modo de pensar. D'essa revolução toda intellectual que a elle se concentra fixa, se tanto é possível, uma revolução para os costumes, crenças etc. d'essa sociedade de que elle se sequestra. Pede ao homem da reflectão que transforme o mundo social que o cerca, quando elle se occupa da propria transformação. Vêde se isso é possível, se isso é natural, se isso é logico.

Se ser *pofido* é ser attentivo, cortez, ser pofido é ter attribuições e coresções á disposição de todos. E não ferir a menor das susceptibilidades de quem quer que seja. É não lançar a reprovação no facto do vicio, porque tal proclamação não pode ser cortez nem attentiva. É não desprestiar abstrido d' especie alguma, porque esse des-respeito é uma falta de attenção para com o cretara humano que den á luz esse abstrito. É ser benevolvo até com a rapelada, a libertinagem a corrupção porque fallar d' essas cousas é ser falta de cortezia para com aquelles que se sentem d' ellas dovidados. É ser a indulgencia sobre todos as fallas do genero humano. Vede se com essa indulgencia poderá produzir uma revolução nos costumes, nas crenças, etc.

Acaba portanto s. s. de ver como se torna impossivel revolucionar uma sociedade por meio de um semelhante programma. Das tres premissas apontadas seria pouco logico fazer nascer a consequencia—*revolução*. Reflecta calma e pedidamente como reflecte todo o homem sensato da sua tempera, e reconhecerá que temos toda a possível razão.

Ha uma s'ecção no *Penasador* que tem merecido a reprovação de s. s. E os—*Echos da Rua*—já os defendemos na primeira resposta que lhe demos. Vimos hoje completar essa defezça.

Na sua particular maneira de vez, considero s. s. os—*echos*—como uma excrecencia do *Penasador*, isto é, como um mago que não tem razão de existir em nenhuma animo do nosso periodico. Tambudaremos por lhe demonstrar o contrario e, se nos permittir a liberdade, por lhe provar que essa s'ecção tanto como o *Malho* tem uma legitima razão de ser.

Habemos no outro artigo em que nos dirigimos a s. s. que *calma* e *pofido* é a synthese do movimento actual. Gannamos-lhe historia contemporanea. Devantamos também que é dever da historia tudo expozitor, mesmo a que se julga *Academo*, porque, sem essas fidelidades uma coisa deixaria de ser comprehendida. Se não dessemos tudo isto, ficamos-lhe por meios incomprender.

S. s. conteste a nossa asserção. Declara estar a historia aesthetica hoje completamente fofida. Diz que a historia se apresenta sob uma face completamente philosophica despojaando tudo o que seja proprios costumes para se occupar dos grandes movimentos humanos.

Se s. s. fosse um pensador do XVIII secolo, se s. s. fofesse sobre a humanidade os adons dos escriptores d'essa epocha, nada seria mais logico do que uma semelhante proclamação de philosophico. Sabemos porém que assim não é, e que, como filio legitimo do XIX secolo, s. s. não pode não deve assim pensar.

Actualmente nos seus dias separou-se individualmente da philosophia. Compreendem que o seu campo para ser livre devia estar separado do d'essa sciéncia. A historia no seculo actual restringe-se a descrever com toda a possível luz todos os factos e acontecimentos. Appreio de si o systema de apereções que ha de ser descrito. A historia hoje só tem uma proclamação natural. O historiar, collocando-se á altura da sua missão, longe de se occupar da moral dos factos fazendo pomposas apereções, deixa-os fallar em toda a sua nudez. Não quer o systema porque o systema é um homem que procura impor-se. Espera do leitor que, do encadeamento dos factos, deduz a grande lei da evolução social, politica e religiosa da humanidade em todos os tempos.

Como porém necessario seja que a appereção dos factos humanos se apparete também, uma sciéncia nosse tem vindo collocar-se junto da historia. É a *Ni-losophia da historia*. E ella que se occupa dos grandes movimentos humanos e as leis tem por missão verificar. É uma sciéncia totalmente diferente da historia.

Podesse dizer que está para ella como a optica para a pintura, como a Algebra para a Architectura. São dois campos totalmente distinctos. Uma tem por missão narrar e gadi mais. A outra—deleitar a verdade do seio da narraçáo.

Como o exemplo apporevria sempre nas discussões d'esta ordem, vamos produzir dois. Thierry, o maior historiar d'este seculo, é um simples narrador. Pudo os factos com todo o colorido possível e deixa ao espirito do leitor o formular-lhes a lei. Assim o entendido este grande homem, o grande revolucionario da historia no nosso seculo.

Kepler, o grande pensador, dá-nos o exemplo opposto. Briga as leis da philosophia, da historia, e compreendendo a differença que ha entre narrar e examinar, expoe as leis do exame com uma clareza inexcusavel. Assim o comprehendido esse grande vulto que substano o circulo de evolução proposto por Vico pela theoria do indefinido progresso humano, *Penasador* do XVIII secolo, foi pelo espirito mais avante que seus contemporaneos. Deixa discipulos que lhe amplificarão a doutrina. É um d'elles *Volgar Daniel*.

S. s. para contestar a nossa asserção pode produzir um exemplo em contrario. Basta que cite Macquay. Porém, sensato como é, reconhecerá que a historia como a entendido esse escriptor inglez, é a historia como a finha comprehendido *Nature* e todos os pensadores do XVIII

seculo, e como na antiguidade a haviam comprehendido *Facio e Salustio*. Macquay é um filio legitimo do philosopho pofido do seculo passado. Gusta das particularidades, das retralhas historicas, das descripções multicoisas, do tudo o que pode excitar a imaginação do leitor. Portanto ao *Penasador* não pode ser contido entre os proclamos da historia do porvir.

A historia philosophica como a comprehendido s. s. não é a historia exigida pela sociedade moderna. Está tam longe de encher-lhe ás exigências. Ella quer a philosophia da historia formando um corpo distincto do da historia. Exige entre outras as sciéncias a mesma separação que ha entre o *divino* e a lei.

O *Penasador* abreviando no influxo da sociedade para a qual escreve tem como dever appereitar essas duas faces. Será philosophico com seus artigos editoriaes. Será *Ni-losophico* contemporaneo com sua critica, seus collaboradores, e seus *echos*. Assim é preciso para que seja a synthese verdadeira do movimento actual.

S. s. acha que insignificancias não são precisas para pintar o quadro da actualidade. Como artista que é, cremos que não o ferberio beta. Numa vasta leiha, como seja a da historia, todos as proprias cousas devem ter um lugar. Sabemos que os grandes officios são devidos a mais das vezes a factos insignificantes. A pintura d'esses factos é uma necessidade sempre que se lhes quiser expozir o effeito.

A historia, como todas as sciéncias, agita-se no grande dominio da arte. É a arte crumada para o realismo. A historia ha-de ser pofado real. Ha-de ser a narraçáo de todos os factos que grandes, quer pofados. Ha-de ser verdadeira e por conseguinte tudo ha-de reproduzir. Narrar simplesmente uma máa escriptura na narraçáo. E da narraçáo tudo se poderá deprender.

S. s. que tanto cultiva a arte com paixão ha-de condizer de certo esses artigos pofados *Ni-losophicos*, que não sabeudo dar a devida expressáo ás suas rigidas liguras, na obra. *Res* também, em lugares beunos, legendas explicativas do quadro. Pois tem essa exquisita maneira de animar a tela desapparecer quando a pintura for progressos. A historia do passado está portado para a do presente nas mesmas condicões que os quadros da arte fallante para os da arte calva. Fallar por todo dos factos que ha em um *libretto*, sem lhes agitar legendas philosophicas. E isto assim acontecerá porque a historia progrediu.

Os—*Echos da Rua*—na quadra actual que atravessamos concorreem para deixar completo o quadro da moderna sociedade. Serão incisivos talvez, mas a sua relevancia é a expressáo da maneira de pensar de grande parte da nossa sociedade. Elles apparece-se com o *Agrocho dos d'icobles* que, na hora da revolução, palavras tinha mortozas a proferir. São precisos, porque, sem elles, muita coisa ficaria na sombra.

Os *Atos* *Indicentes* de um padre, diz s. s. n'os *Indicentes* de um individuo, os *defeitos* *physicos* de um *Negron*, são cousas de nulla importancia porque nada podem influir na sociedade. Engana-se completamente. Um padre que se preoccupa pouco com a garrido é um sacerdote pouco assim que vai domar consciéncias. Calcula-lhe as consequéncias da leviandade. Um individuo que sofre d'*Indicentes* e que se mostra defensor da gregre, é um ente perigoso, pois donde não chegará a Egreja protegida pela gregre? Uns confidões de segredo são cousa mal digna de reparo quando são teridos por uma simulação cerebriastica, que tratando o seu rebanho como não pastor, passa o tempo a cuidar em fraterias. Pensai quãoos males podem proxir do despoismo moral de um homem que tropeo e barido pelo pémito. Os *defeitos* *physicos* de um *Negron* são cousa gravissima, pois são elles que a induzem a procurar nas intrigas clericas as agitações e consolações que não pode obter da sociedade. Tudo isto é grave até o pensador



